
METODOLOGIAS CONVENCIONAIS E NÃO-CONVENCIONAIS E A PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO

Gilberto de Andrade Martins

Professor Dr. do Departamento de Administração da FEA/USP

INTRODUÇÃO

Mudanças de concepções implicam, necessariamente, nova forma de ver e compreender a realidade, outros modos de atuação para obtenção de conhecimento, transformações do próprio conhecimento, alterando-se portanto, as formas de se interferir na realidade.

O método científico é historicamente determinado e só pode ser compreendido dessa forma. O método é reflexo das nossas necessidades e possibilidades materiais, ao mesmo tempo em que nelas interfere. Os métodos científicos transformam-se no decorrer da História.

Diferentes concepções de homem, de natureza e de conhecimento exigem diferentes métodos. Assim, as diferenças metodológicas ocorrem não apenas temporalmente, mas também num mesmo momento e numa mesma sociedade.

Neste artigo, buscamos contrastar algumas posições das metodologias convencionais e não-convencionais para a investigação de fenômenos da administração. Não se pretende privilegiar uma delas, mas apresentar considerações que possam contribuir para discussões sobre alternativas metodológicas àqueles interessados na condução de pesquisas científicas sobre administração.

Para elucidar e motivar os "novos pesquisadores" - alunos do Programa de Pós-Graduação em Administração - apresentam-se características dos "antigos" e "novos" métodos.

De pronto, é necessário ficar claro que a diferenciação entre "convencional", "antigo" e o "não-convencional", "novo" não é, uma diferenciação entre o "mau" e o "bom". Não se pretende expor uma visão maniqueísta apresentando as vantagens de um enfoque e os defeitos do outro. Nossa pretensão é destacar enfoques diferenciados de se "construir conhecimento", em reação ao paradigma estrutural do Modelo Empirista de Ciência, cuja hegemonia se estende por quatro séculos sendo "molestada", a partir dos anos trinta deste século.

PESQUISAS CONVENCIONAIS

Pode-se dizer que as pesquisas convencionais têm raízes no empirismo inglês, a partir da publicação do Novum Organum de Francis Bacon (1620).

Segundo esta concepção, o cientista precisa, antes de mais nada, observar os fatos, em seguida, usando comedidamente os informes obtidos por meio dos sentidos e partindo de particulares terá condições de formular generalizações, ou enunciar os axiomas que governam os fenômenos observados. Em síntese, Bacon preconiza a adoção de um método empírico indutivo para se investigar a realidade que nos rodeia. As etapas principais desse método científico são:

- a) Observação (meticulosa);
- b) Generalização (indutiva) - formulação de leis;
- c) Confirmação das leis.

Assim, o investigador principia suas pesquisas verificando o que acontece, registrando as observações feitas e repetindo as observações, a fim de afastar possíveis erros e distorções. Em seguida, de posse dos dados registrados, meticulosamente ordenados, sistematizados e classificados, passa, com cautela, a fazer generalizações gradualmente mais amplas, adotando, para isso, um procedimento indutivo que o conduz do particular para o geral. Atinge, assim, generalizações que se prestam para explicar o observado e previsões são feitas quanto ao que deve ocorrer. A confirmação das leis obtidas depende apenas de constante verificação, em casos concretos, de certo "acordo" entre o que a generalização afirma e o que efetivamente acontece. (Hegenberg, 1976)

A pesquisa empírica ortodoxa, proposta por Bacon, efetua-se pondo de lado as "antecipações mentais" e todas as noções "preconcebidas"; hipóteses não são acolhidas porque são "prematuras" ou "precipitadas". Também não são admitidas idéias metafísicas de explicação da realidade. O conhecimento dá-se pela aproximação direta com o real, mediante regras rígidas que limitam as tentativas metafísicas para se compreender a realidade. A objetividade do conhecimento é o ponto central do enfoque empiricista.

O método científico de Bacon sofreu críticas e enriquecimentos ao longo dos tempos. É contudo no século XIX que, ao se individualizar as ciências sociais, instaura-se o "problema político" dentro das metodologias em voga: o positivismo de Comte, caudatório do empirismo, e a dialética marxista. (Hagquette, 1990).

As metodologias que chamamos de convencionais têm suas bases no positivismo, enquanto as metodologias não-convencionais se apóiam no materialismo dialético e no materialismo histórico.

São características principais do positivismo:

- (i) Considerar a realidade como formada por partes isoladas, de fatos atômicos, segundo a expressão de Russel. Esta visão isolada dos fenômenos, oposta a idéia de integridade, pode levar a resultados desvinculados de uma dinâmica, gerando conclusões frágeis, geralmente descontextualizadas. O mundo não é um amontoado de coisas separadas e fixas. (Triviños, 1992).
- (ii) Admitir que a busca da explicação dos fenômenos dá-se através das relações dos mesmos, exigindo um referencial teórico, condição desconsiderada pelo método empírico ortodoxo que dispensa a teoria.
- (iii) O positivismo não aceita outra realidade que não sejam os fatos, fatos que possam ser observados. "Para que determinados estudos sejam considerados ciência eles devem recair sobre fatos que conhecemos, que se realizem e sejam passíveis de observação". (Durkheim, 1975). Quanto aos estados mentais, o behaviorismo, em busca da cientificidade, eliminou a introspecção, método clássico da psicologia tradicional, e chegou à conclusão de que os estados mentais, de qualquer natureza e complexidade, manifestam-se através; do comportamento e este pode ser observado. (Triviños, 1992)
- (iv) O positivismo não se interessa pelas causas dos fenômenos, porque isso não é tarefa da Ciência. Assim, tendo os fatos como único objeto da Ciência consiste ao investigador descobrir as relações entre eles. Para se atingir tal objetivo criaram-se instrumentos (questionários, escalas de atitudes, escalas de opinião, etc), bem como foram intensificados os "usos" da estatística na busca da desejada "objetividade científica". (Triviños, 1992).
- (v) O investigador "positivista" não está interessado em conhecer as consequências de seus achados. Esta postura de neutralidade do conhecimento científico é combatida pelos cientistas sociais que não podem conceber que a ciência humana possa

ficar à margem da influência do ser humano que investiga.

- (vi) O positivismo rejeita o conhecimento metafísico. "Devemos limitar-nos ao positivamente dado, aos fatos imediatos da experiência, fugindo de toda especulação metafísica. Só há um conhecimento e um saber, aquele que é próprio das ciências especiais, mas não um conhecimento e um saber filosófico-metafísico." (Comte, In Os pensadores, 1978).
- (vii) O positivismo defende uma unidade metodológica para investigação dos dados naturais e sociais. A idéia é que tanto os fenômenos da natureza, como os da sociedade estão regidos por leis invariáveis. O investigador deve buscar procedimentos adequados aos seus objetos de pesquisa.
- (viii) O enfoque positivista trabalha com variáveis (dependentes e independentes); operacionalização de conceitos ; generalizações... enfim, com as técnicas das ciências naturais aplicadas às ciências sociais. (Triviños, 1992)

De maneira simplista, as pesquisas convencionais podem ser entendidas como os estudos que se fundamentam em dados empíricos processados quantitativamente, coletados e trabalhados com "objetividade" e "neutralidade", e, a partir de um referencial teórico o pesquisador, geralmente, levanta hipóteses e as testa.

PESQUISAS NÃO CONVENCIONAIS

As metodologias alternativas aparecem. nestes últimos 30 anos, como forma de se buscar novos caminhos diante de uma realidade cada vez mais complexa e dinâmica. Surgem devido ao cansaço das metodologias tradicionais, e também em função da democratização social experimentada pela sociedade brasileira, a partir dos anos 70.

Frente aos surrados caminhos da metodologia científica, que estabelecem o primado do método sobre a realidade, as metodologias alternativas (não-convencionais) procuram andar ao contrário, ou seja, partir da realidade social na sua complexidade, na sua totalidade quantitativa e qualitativa, na sua marcha histórica humana, também dotada de horizontes subjetivos, e depois construir métodos adequados para captá-la e transformá-la. (Demo, 1989)

É visível que metodologias alternativas guardam postura dialética mais ou menos discernível, pelo

menos no sentido de que partem da idéia de que a realidade organizacional necessita de método próprio, embora não exclusivo. não é certo afirmar que metodologias alternativas só podem ter como fundamento metodológico o materialismo dialético, seja porque este é apenas uma versão da dialética, seja porque este tipo de crítica científica pode buscar suas origens em outros contextos.

A compreensão do papel fundamental, na pesquisa, dos sujeitos pesquisados é a característica básica das metodologias alternativas. Evidenciam o sujeito cognoscente, problematizando seu papel e as consequências deste no ato de conhecer.

As abordagens metodológicas alternativas se utilizam, com maior freqüência, de análises qualitativas, daí surgirem as denominações: pesquisas qualitativas; metodologias qualitativas, e expressões assemelhadas. Os conceitos sobre os quais as ciências humanas se fundamentam, num piano de pesquisa qualitativa, são produzidos pelas descrições. A descrição constitui, portanto, uma importância significativa no desenvolvimento da pesquisa qualitativa.

Com o objetivo de despertar investigadores da área de administração, apresentamos uma síntese de métodos e técnicas de abordagens não-convencionais. A relação não é exaustiva, e tem como finalidade motivar discussões sobre conveniências de suas práticas. A bibliografia apresentada no final do texto, por certo, contribuirá para o aprofundamento das "definições" aqui relatadas.

MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Não existe "o" ou "um" método fenomenológico, mas uma atitude. Atitude de abertura do ser humano para compreender que se mostra (abertura no sentido de estar livre para perceber o que se mostra e não preso a conceitos ou predefinições). Refere-se à intuição intelectual e à descrição do intuito. O objeto de estudo é o fenômeno, e sua apropriação dá-se através do círculo hermenêutico: compreensão - interpretação - nova compreensão. A Pesquisa Fenomenológica, portanto, parte da compreensão do nosso viver - não de definições ou conceitos - da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar. Ao percebermos novas características do fenômeno, ou ao encontrarmos outras interpretações, ou compreensões diferentes, surge para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão. (Masini, in Metodologia da Pesquisa Educacional, 1989).

As abordagens Fenomenológicas-hermenêuticas privilegiam estudos teóricos e análise de documentos e textos. Suas propostas são críticas e, geralmente, têm marcado interesse de "conscientização" dos indivíduos

envolvidos na pesquisa. Manifestam interesse por práticas alternativas, e se utilizam de técnicas não-quantitativas. Buscam relação entre o fenômeno e a essência, o todo e as partes, o objeto e o contexto. A validação da prova científica é buscada no processo lógico da interpretação e na capacidade de reflexão do pesquisador sobre o fenômeno, objeto de seu estudo.

A investigação, geralmente, parte de uma pergunta orientadora e desenvolve-se em etapas de discussão e ação, reflexão e nova ação/intervenção. Na primeira etapa, reúnem-se dados do vivido, fixado em sucessivos registros num relato que leva a uma compreensão da situação. A segunda etapa (análise) constitui uma interpretação desse relato do vivido, que poderá ser retomado para nós por Interpretações. A terceira etapa constitui uma nova compreensão do problema que se concretiza em propostas de intervenção e/ou novas ações.

Fundamentada no método de pensamento fenomenológico de Edmundo Husserl - 1859-1938, essa abordagem apresenta grande potencial para investigação de fenômenos administrativos.

MÉTODO CRÍTICO-DIALÉTICO

Crítico-dialético: têm como referencial teórico o materialismo histórico, apoiando-se na concepção dinâmica da realidade e nas relações dialéticas entre sujeito e objeto, entre conhecimento e ação, entre teoria e prática. Além das técnicas utilizadas pelas pesquisas empírico-analíticas e fenomenológico-hermenêuticas, utilizam a "pesquisa-ação" e a "pesquisa participante". Privilegiam experiências, práticas, processos/históricos, discussões filosóficas ou análises contextualizadas. Suas propostas são marcadamente críticas e pretendem desvendar mais que o "conflito das interpretações", o conflito dos interesses. Manifestam interesses transformadores. Buscam inter-relação do todo com as partes e vice-versa, da tese com a antítese, dos elementos da estrutura econômica com os da superestrutura social, política, jurídica e intelectual. A validade da prova científica é fundamentada na lógica interna do processo e nos métodos que explicitam a dinâmica e as contradições internas dos fenômenos, e explicam as relações entre homem-natureza, entre reflexão-ação e entre teoria-prática.

Segundo Frigotto (1989), não há um conjunto de procedimentos para o desenvolvimento do método diabético. O processo diabético "implica rupturas - no dizer de Gramsei, uma catarse e um processo de trabalho de aproximações sucessivas da verdade que, por ser histórica, sempre é relativa." O mesmo autor, num dos textos do livro Metodologia da Pesquisa Educacional (1989), sinaliza, no plano da prática, a estratégia de condução sobre formação do trabalhador

no processo produtivo, realizado em equipe no IESAE/FGV. A estratégia envolve cinco momentos fundamentais:

- a) Ao se iniciar uma pesquisa, dificilmente se tem um problema, mas uma problemática. O recorte que se vai fazer para investigar situa-se dentro de uma totalidade mais ampla. Sempre se parte de condições já dadas, existentes, e de uma prática anterior, nossa e dos outros. Na definição da problemática deve, pois, aparecer de imediato a postura, o inventário (provisório) do investigador. Essa postura delineia as questões básicas - a problematização, os objetivos, em suma, a direção de investigação. Neste âmbito já se colocam, a contraposição, as rupturas da concepção do investigador em relação ao que está posto.
- b) No trabalho propriamente de investigação, um primeiro esforço é o resgate crítico da produção teórica ou do conhecimento já produzido sobre a problemática em jogo. Aqui se podem identificar as diferenças de análise, as conclusões a que se chegou pelo conhecimento anterior e a indicação das premissas do avanço do novo conhecimento. Ou seja, esse conhecimento precisa ser revisitado tanto no sentido de ruptura - quando se trata de falsas apreensões, conhecimentos pseudoconcretos ou positivação da "verdade" ideológica de um grupo ou classe dominante - quanto de superação, por inclusão - quando se trata de concepções, categorias, teorias que, embora dentro de uma perspectiva crítica, histórica e transformadora, revelam-se insuficientes pela própria dinâmica da realidade histórica.
- c) Com o material compilado, o investigador precisará discutir os conceitos, as categorias que permitem melhor organizar os tópicos e as questões prioritárias, bem como orientar a interpretação e análise do material. Que categorias interessam?
- d) A análise dos dados representa o esforço do investigador de estabelecer as conexões, mediações e contradições dos fatos que constituem a problemática investigada. É na análise que se estabelecem as relações entre a parte e a totalidade. É nessa fase, que se busca superar a percepção imediata, as impressões primeiras, a análise mecânica e empíricista, passando-se, assim, do plano

pseudoconcreto ao concreto que expressa o conhecimento apreendido da realidade. Finalmente, busca-se a síntese da investigação. A síntese resulta de uma elaboração. É a exposição orgânica, coerente, concisa das "múltiplas determinações" que explicam a problemática investigada. Aqui, não só aparece o avanço em cima do conhecimento anterior, mas também questões pendentes e a própria redefinição das categorias, conceitos, etc. Na síntese discutem-se as implicações para a ação completa.

Tanto para o Método fenomenológico quanto para o Método Crítico-dialético, a busca dos dados vividos poderá se dar, entre outras, pelas seguintes técnicas:

Estudo de casos: dedica-se a estudos intensivos do passado, presente e de interações ambientais de uma (ou de algumas) unidade social: indivíduo, grupo, instituição, comunidade ... São validados pelo rigor do protocolo estabelecido.

Pesquisa de avaliação: trata-se de um tipo especial de pesquisa aplicada, elaborada para avaliar programas, geralmente programas sociais de melhoramentos, como: educação, serviços, métodos de ensino, programas de treinamento e afins. Há duas categorias gerais de pesquisa de avaliação denominadas pesquisas "somativas" que indagam: funciona? As pesquisas "dos resultados e do processo" pergunta: "O que é isto?" e "como funciona?" Geralmente, as pesquisas de resultados utilizam delineamentos experimentais, quase experimentais e levantamentos. Avaliações do processo utilizam técnicas mais semelhantes à observação participante. Kidder (1987).

Entrevista em profundidade: executada por entrevistadores experimentados que interrogam a fundo poucas pessoas.

Entrevista de grupo: discussão orientada por um especialista para um grupo de pessoas não muito numeroso.

Entrevista não-diretiva: a entrevista não-diretiva ou não-dirigida constitui parte dos estudos exploratórios para preparar o questionário-padrão ou é concebida como meio de aprofundamento qualitativo da investigação.

Projetivos, entrevistas em que são criadas situações que motivam os participantes a projetarem para o exterior os estados de ânimo, os comportamentos e motivos. O método permite exprimir mais abertamente certos sentimentos próprios do entrevistado, mas que não são verbalizados como tal, na primeira pessoa.

Observação participante (Pesquisa etnográfica): trata-se de um processo no qual a presença do observador, numa situação social, é mantida para fins

de investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados, e, em participando com eles em seu ambiente natural de vida, coleta dados. Logo, o observador é parte do contexto que está sendo observado, no qual ele, ao mesmo tempo, modifica e é modificado por esse contexto. O papel do observador e participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado; o observador pode dispensar muito ou pouco tempo na situação de pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte integrante da estrutura social, ou ser simplesmente periférica com relação a ela. Haguette (1990).

História de vida: é usada como técnica subsidiária. Não pode ser confundida como uma autobiografia convencional. É uma técnica para fornecimento de "insights" para outros estudos.

Análise de conteúdo: a análise dos conteúdos escritos em jornais (dissertações, redações...) é utilizada como fonte de informações. Buscam-se descrições/interpretações do conteúdo de mensagens.

Pesquisa Participante (PP): trata-se de um enfoque de investigação social por meio do qual se busca a plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com o objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação. Esses participantes são os oprimidos, os marginalizados, os explorados. Trata-se, portanto, de uma atividade educativa, de investigação e ação social. Brandão (1984).

Pesquisa-ação (PA): trata-se de um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Brandão (1984).

Pesquisa naturalística: a expressão "pesquisa naturalística" não descreve uma abordagem única. Mais propriamente, a pesquisa naturalística ou de campo abrange uma variedade de estratégia de pesquisa que compartilham um interesse em comum em descrever o comportamento humano que seja representativo daquele que ocorre na vida real. Isto significa estudar o comportamento tal como ele ocorre naturalmente e nas circunstâncias que espontaneamente o geram. Kidder (1987).

Pesquisa histórica: investigação crítica de fatos, desenvolvimentos e experiências do passado, com cuidadosa consideração sobre as validades interna e externa das fontes de informação, e interpretação das evidências obtidas.

Para se evitar um destaque desmesurado dos "novos" métodos e técnicas para o trabalho científico, convém lembrarmos que a metodologia não tem status

próprio, e precisa ser definida num contexto teórico-metodológico. Uma pesquisa científica capaz de oferecer um conhecimento "novo", precisa preencher três requisitos:

- A existência de uma pergunta que se deseja responder;
- A elaboração de um conjunto de passos que permitam obter a informação necessária para respondê-la,
- A indicação do grau de confiabilidade da resposta obtida.

Ou seja, é necessário haver um problema de pesquisa, um procedimento que gere informação relevante para a resposta e, finalmente, é preciso demonstrar que esta informação decorre do procedimento empregado, e que a resposta seja obtida nas circunstâncias dadas pelo referencial teórico. (Luna, 1989), in Metodologias da Pesquisa Educacional.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, C. (org.); Repensando a pesquisa participante, São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COMTE, A.; Discurso sobre o espírito positivo. In: Os pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- DEMO, Pedro.; Metodologia científica em ciências sociais, São Paulo, Atlas, 1981.
- DURKHEIM, E; Educação e sociologia. 10^a. ed., São Paulo, Melhoramentos, 1975.
- FAZENDA, I. (org.); Metodologia da pesquisa educacional, São Paul, Cortez, 1989.
- FAZENDA, I. (org.), Novos enfoques da pesquisa educacional; 1^a. ed., São Paulo, E.P.U, 1986.
- HAGUETTE, T. M. F. ; Metodologias qualitativas na sociologia; 2^a ed., Petrópolis, Vozes, 1990.
- HEGENBERG, L.; Etapas da investigação científica, São Paulo, E.P.U/ EDUSP, 1976.
- KIDDER, L.H.; Métodos de pesquisa nas relações sociais, 2^a ed., Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1987.
- LUDKE, M e ANDRÉ, M.E.D.A.; Pesquisa em educação: abordagens qualitativas; 1^a ed., São Paulo, E.P.U 1986.

TRIVIÑOS, A.N.S; Introdução à pesquisa em ciências
sociais: a pesquisa qualitativa em educação; 1^a ed.,
São Paulo, Atlas, 1992,